

REFLEXÃO DE CONCLUSÃO DA CONFERÊNCIA GLOBAL DE TEOLOGIA  
Deirdre Brower Latz, *Nazarene Theological College*, Manchester, Reino Unido

A CGT de 2018 foi marcante para mim por várias razões. Desde o seu início e comunicação, ela aconteceu intencionalmente e obviamente em múltiplos idiomas. O moldar da conferência para a igreja global foi considerado cuidadosamente e a difusão das pessoas apresentando e respondendo foi muito bem pensada, então cada região teve a sua representação de várias formas. Os trabalhos, embora variados em suas abordagens, demandavam constante pensamento. Os participantes deram o seu tempo para ler e debater, e buscaram interrogá-los de maneiras que alcançavam os problemas que eles experimentaram ao lê-los. Durante a conferência, expressões culturais de resposta emergiram – fazendo perguntas através de histórias, o desejo de ser ouvido/de apresentar uma perspectiva e questões bem ‘pés no chão’ – como maneiras chave para interpretar a nossa teologia. As nossas tentativas atrapalhadas para lidar com as nossas respostas (especialmente aos diferentes modos de fazer perguntas) foram interessantes. Embora existam questões que nos unem, ainda há outras que emergiram que mostram que somos/fomos sempre conscientes de nossa rica diversidade.

Puxando pela memória, comparando com conferências anteriores, eu senti que houve muito mais auto consciência e confiança nas vozes de cada continente ao moldar a teologia, e na liderança oferecida. Também foi claro que há um desacordo substancial até em regiões descritas como monolíticas (‘América do Sul’, ‘África’, ‘América do Norte’, ‘Eurásia’) em relação a questões importantes: são desentendimentos geralmente de envolvimento prático baseado nas estruturas que têm sido utilizadas através dos tempos. A Igreja Latina/Brasileira expressou clara diferença em relação a questão sobre a nossa aproximação (ou não) com o Catolicismo Romano, por exemplo. O continente africano tinha muitas visões em relação ao *apartheid* – desde a sua importância como uma questão seminal para a igreja como aqueles que expressaram seu desejo para que isso estivesse ‘terminado’. Essas diferenças são fascinantes. Entretanto, o central do evento foi a crescente consciência de que a nossa teologia

impacta o mundo ao nosso redor para a sua transformação, incluindo as arenas de injustiça e retidão. A integridade da igreja em relação as comunidades mais amplas nas quais participamos e a nossa própria prática e expressão de justiça emergiu em mais de uma conversa.

Havia uma pequena porcentagem de mulheres presentes – muitas das selecionadas não eram necessariamente teólogas praticantes ou acadêmicas, mas foram aproveitadas em seus/nossos papéis (capelãs, líderes distritais, coordenadoras de educação de área, adjuntas, bi-vocacionais, líderes da igreja Global, funcionárias do CGM, como também diretoras). Também foi interessante que a maioria dos participantes norteamericanos eram brancos. Eu me pergunto se esses indicadores expressam quem a nossa igreja é, sua formação de base e as nossas brechas.

Da perspectiva de uma teóloga prática, eu achei que foi uma expressão poderosa da importância da maneira que a teologia profundamente molda a nossa prática. Eu fiquei intrigada por comentários na plenária que pediam mais exegese bíblica, já que eu acredito que cada trabalho foi fundamentado na perspectiva bíblica que era a base da conversa. Foi bom – eu pensei – que os trabalhos não foram de forma geral isolados, mas tiveram abordagens mais bíblica-teológica-histórica-prática integrativas, alguns mais que outros. Eu certamente creio que uma ênfase bíblica esteve presente através das respostas às questões levantadas pelas pessoas ali. Entretanto, eu concordo que a ideia do Reino de Deus em vários aspectos da vida e ministério de Jesus, falando e moldando, poderia ter sido levada mais adiante no desenvolvimento de nosso entendimento cristológico.

No decorrer da conferência, as pessoas se moveram rapidamente para as implicações missiológicas/eclesiológicas e práticas dos trabalhos. Os participantes se sentiram à vontade para engajar de maneiras que nos liberavam nas questões de nossas próprias experiências com a igreja – e com o nosso retorno para os nossos próprios lugares, podemos refletir mais sobre o aprendido e sobre nossas próprias expressões de cristologia.

Há dois ou três temas que eu sei que nós (a igreja, nós *NTC*) consideraremos mais. A ideia de discipulado e discipulado corporativo; a estrutura de nossos contextos como lugar primário de reflexão teológica; a importância de boa teologia como uma característica crítica da igreja e da nossa prática. Ficou claro que algumas questões históricas ‘lidas’ por Cristo como humano-e-divino ainda estão causando consternação e em alguns cenários a nossa articulação não é clara: o fundamento em teologia profunda importa. A nossa postura em relação a ressurreição e escatologia carregam uma conversa maior. A diferença entre contextualização, assimilação ou sincretismo precisa ser considerada mais profundamente – e os parâmetros do global/local. No geral, eu fiquei mais convencida do que nunca de que conversa teológica na nossa família global realmente importa. Eu parti me perguntando como a riqueza dessa experiência poderia ser disseminada ou experimentada em níveis muito mais locais ou distritais.